

A INTERPRETAÇÃO ANALÍTICA DO SINTHOMA

THE ANALYTIC INTERPRETATION OF THE SINTHOME

Tania Coelho dos Santos,

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada II do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Presidente da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa, Pesquisadora-bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C, Editora de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora

O conceito de lalíngua e suas relações com o sinthoma

Em seu último ensino, o psicanalista Jacques Lacan ofereceu a invenção do Real como uma alternativa à energética freudiana.¹ Outro nome da pulsão de morte, o significante no Real apresenta-se “sem lei”, isto é, desencadeado, sem sentido, em conformidade com o aforisma: “não há relação sexual”. Lacan descortina uma perspectiva diferente da pulsão de morte, contornando a concepção freudiana baseada na analogia com a energia em estado livre, não ligada em representações articuladas. Em lugar da energia, o conceito de lalíngua equivale aos processos primários dominados pelo autoerotismo. Trata-se do inconsciente real, onde o significante se apresenta como bobagem, troço sem sentido, que é muito mais da ordem do erro do que do lapso. Quando tomamos o inconsciente nesse estado puro, fora da interpretação, fora da transferência, ele se apresenta como pura debilidade do mental.

Servindo-me de um caso clínico, gostaria de demonstrar o laço entre lalíngua e outro conceito que surge no último ensino de Lacan, o de sinthoma como acontecimento de corpo. Para apreender a diferença de grafia entre sinthoma e sintoma é preciso distinguir a perspectiva sincrônica estruturalista da linguagem da dimensão diacrônica e pragmática do aparelhamento (*apparole*) da pulsão por meio de lalíngua. De acordo com Miller (1999), a perspectiva estruturalista, eminentemente sincrônica, exclui metodologicamente a dimensão histórica que Saussure chamou de “a língua”. Em seu primeiro ensino, Lacan se afasta da importância que Freud concede à pulsão,

¹ LACAN, J. *Le Seminaire Livre XXIII*. 2005. p. 138.

[...] embora em Freud esteja toda uma construção significativa – o aspecto linguístico naquela época estava totalmente descuidado -, existe também todo o aspecto econômico. É deste ponto de vista que Freud considera a tirada espirituosa – o que permite uma economia do gasto psíquico e um ganho de prazer. Lacan consegue contornar isso para, ao contrário, colocar no centro a técnica significativa, sendo que o retorno ao gozo ocupará a outra vertente do seu ensino. (p. 25).

A fala (*parole*), vontade de dizer, serve à função de submeter a vontade de gozo ao enigma do desejo endereçado ao Outro: - *Che vuoi?* Por meio do ato de dizer, o inconsciente como “isso que fala” impõe sua estrutura ao inconsciente como um “isso que goza, e não quer saber nada disso”. Melhor dizendo, existe uma tensão entre a máquina simbólica, que é abstrata, e o fato de que toda formação do inconsciente é particular, é um *Witz*, um desvio do Outro Universal: [...] *só existe a tirada espirituosa particularizada – não há tirada espirituosa no espaço abstrato* (LACAN, [1957/1958]1998, p. 12). Para que um piada seja compreendida, é preciso que o Outro seja da paróquia: *Mas, a paróquia é um Outro limitado, não é a Igreja católica inteira, não é a cristandade. A paróquia é o vizinho e, já o sabemos, para que haja tirada espirituosa, é preciso compartilhar referências comuns, uma língua comum que não é universal* (MILLER, 1999, p. 20).

Freud (1905), no capítulo IV do livro *Os chistes e suas relações com o inconsciente*, privilegia a fonte do chiste no prazer pulsional do balbucio. Os ruídos com a boca são da ordem do puro prazer lúdico com o significante.

O período em que uma criança adquire o vocabulário da língua materna, proporciona-lhe um óbvio prazer de ‘experimentá-lo brincando com ele’, segundo as palavras de Gross [121]²(**rever pontuação**) Reune as palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou rima. Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restam permitidas as combinações significativas de palavras (p. 148).

Para Lacan, o que conta como efeito de satisfação é o assentimento do Outro, que reconhece e legitima o neologismo ou a tirada espirituosa do sujeito. Freud, diferentemente de Lacan, atribui o prazer em jogo no chiste a uma conexão direta entre o significante e o gozo, antes mesmo que o Outro seja constituído e acolha a produção sonora do infans. Lacan (1998) bem reconhece que, neste texto de Freud: *que se mostrará mais acentuado até o fim do livro, a origem primitiva do prazer é*

² Groos C. (1899). **Die Spiele der Menschen, Jena**, apud Freud (1905), p. 148. **(o que é obra, o que é autor?)**

referida ao período lúdico da atividade infantil (p. 88). Pois, se partimos de uma conexão direta do significante com o gozo, quando muito poderíamos falar de um Outro de uma paróquia a dois. O prazer surgiria da homofonia, resultante da conexão entre S1 e *a*, simples prazer dos sons que se repetem. Podemos atribuir à repetição sonora, em última instância, a substância gozante em jogo em todo *Witz*, para obter a melhor definição do que seja lalíngua.

Entretanto, quando “isso que fala” impõe sua estrutura ao “isso que goza”, a satisfação peculiar do *Witz* se produz na medida em que a intenção do sujeito se realiza na mensagem e, em A (lugar do código), a formação significante é acolhida. [...] *o chiste consiste em acontecer no Outro alguma coisa que simboliza o que poderíamos chamar de condição necessária de qualquer satisfação. Ou seja, que vocês sejam ouvidos para além do que dizem* (LACAN, 1998, p. 156). Em geral, o desejo é, justamente, a insatisfação que resulta da defasagem entre toda intenção e o semblante que a representa. Somente existe satisfação quando o Outro entende aquilo que está mais além do semblante, o fracasso em dizer. *De certa maneira, a única felicidade está na interpretação, quando Outro interpreta o fracasso em dizer, o lapso, o deslize, o limite e, no fundo, entende o que está mais além, no horizonte* (MILLER, 1999, p. 28). O Nome do Pai, que surge no Seminário V, é nada menos do que o significante que designa um lugar vazio, o lugar de uma incompletude no código, que pode alojar o neologismo, a invenção, o *Witz* do sujeito. O Nome-do-Pai é uma função que representa, ao mesmo tempo, a lei e a exceção. É o Outro no Outro. *Vocês estão vendo que a dimensão do Outro amplia-se um pouquinho aqui. Ele não é unicamente a sede do código, mas intervém como sujeito, ratificando uma mensagem do código e complicando-a. Ou seja, ele já está no nível daquele que constitui a lei como tal* [...] (idem, p. 156). A metáfora paterna designa a função deste Outro que, representando a lei, autoriza o processo de substituição de um significante por outro. A máquina significante, embora tomada em sua dimensão linguística e estrutural, não pode prescindir inteiramente do Outro enquanto vivo.

Aquilo que **na tirada espirituosa(,)rever pontuações** supre o fracasso da comunicação do desejo pela via do significante, a ponto de nos dar uma espécie de felicidade, realiza-se da seguinte maneira; o Outro ratifica uma mensagem como tropeçada, fracassada, e nesse próprio tropeço reconhece a dimensão de um para-além no qual se situa o verdadeiro desejo. (idem, p. 156).

Voltando ao ponto de partida, Lacan, em seu último ensino, promove o real ao lugar mais central da experiência analítica porque não se pode garantir quando é que vai haver sentido. Dizendo de

outra maneira, não existe nenhuma forma de garantir o encontro entre os sexos: não há relação sexual. Nessa época, Lacan (1972-1073/1984) vai subverter sua concepção do sujeito do inconsciente mortificado pelo significante, à caça do mais de gozar. Em lugar do sujeito, vai promover a idéia de um ser falante, corpo vivificado pelo significante, que goza em falar à toa e não quer dizer nada. Sua perspectiva se inverte. No lugar do conhecido adágio *Eu, a verdade, falo* (LACAN, 1955/1966, p. 410), surge o gozo da fala que não se endereça ao Outro, não tem sentido e não é interpretável.

Depois dos anos 70, esses termos, real e estrutura, se fazem representar no ensino de Lacan por meio da tensão dialética entre a lalíngua (*lalangue*) e a linguagem. Lalíngua presentifica o gozo da dispersão do significante. Trata-se dos significantes puros, isolados, não encadeados na linguagem articulada. De acordo com Miller:

Não é sem relação com a estrutura mas, daí, de dizer que lalíngua é uma estrutura, recuamos. Em particular porque lalíngua não é um objeto recortado na sincronia. Ela comporta uma dimensão que é irreduzivelmente diacrônica, pois ela é essencialmente aluvionária. É feita de aluviões que se acumulam, dos mal-entendidos, das criações languageiras, de cada um. (1996, p. 11).

A questão de saber se lalíngua é interpretável ou não me conduz a aprofundar a distinção que Miller propõe entre estrutura e aparelho. A estrutura é um corte sincrônico da fala ou do discurso. A dimensão da fala como lalíngua é de outra ordem: *A realidade é abordada com os aparelhos de gozo* (LACAN, 1984, p. 52). Lalíngua é um aparelho que aborda a realidade com a finalidade de promover o gozo. O aparelho é “pronto para tudo”, um utensílio, um conjunto de elementos heteróclitos que **visa** a uma **finalidade** (rever os dois termos de mesmo sentido/ que tem por finalidade o gozo/ que visa ao gozo) de gozo. Uma estrutura é decifrável, um aparelho somente se conhece por meio do que ele efetua. Um aparelho não se presta ao diálogo.

Como interpretar os sinthomas que não dialogam?

Em seu curso desse ano, intitulado *Choses de finesse*³, Miller retoma algumas reflexões sobre o último ensino de Lacan. Ele nos propõe que a abordagem baseada no sinthoma privilegia o modo de gozar de um ser falante, em sua singularidade irreduzível. O conceito de sinthoma é

³ MILLER, J. A. *Choses de finesse*, Curso de orientação lacaniana, ano 2008/2009, aula número 6 (inédito).

desestruturante, ele apaga as fronteiras do sintoma e do fantasma, da neurose e da psicose. O sinthoma, na medida em que ele é o que cada um tem de mais singular, não se parece com ninguém, está fora do que é comum. Por isso, ele é da mesma ordem que a língua. A linguagem diz aquilo que é comum, que se presta a ser comunicado. A língua não tem tradução. O sentido do inconsciente depende de “isso que fala” porque é da ordem do senso comum. O gozo singular do sinthoma está lá onde “isso não fala com ninguém”. O real lacaniano é inseparável da estrutura da experiência analítica, mas o realismo lacaniano lhe impõe, justamente, tomar sempre a via do mais particular para, só então, elevá-lo à dimensão de paradigma.

Isso decorre de uma necessidade de nossa própria matéria, cujo elemento sensível teremos a oportunidade de mostrar. Digamos que tudo o que é da ordem do inconsciente como estruturado pela linguagem coloca-nos diante do seguinte fenômeno: não é nem o gênero nem a classe, mas tão somente o exemplo particular que nos permite apreender as propriedades mais significativas. (LACAN, [1957/1958] 1998, p. 69).

Por essa razão, Lacan qualifica o sinthoma como acontecimento de corpo. Não se trata nem do pensamento, nem da linguagem. Não se trata tampouco de um evento de corpo no plano imaginário. Ele é substancial, tem consistência de gozo. Como intervém o psicanalista sobre o gozo do sinthoma? Sabemos como opera um psicanalista em sua relação à concepção antiga de sintoma. Ele deve ser capaz de decifrar o sintoma, as formações do inconsciente de um modo geral, sem se deixar levar pela contratransferência que advém de seu próprio sintoma e assim destrinçar o gozo contido no sofrimento. Na sua relação (ao)/com o fantasma, ele deve ser capaz de liberar a questão do desejo até que o próprio fantasma seja atravessado em direção a uma contingência. O sinthoma em sua última definição, enquanto modo singular de gozo na medida em que aparelha um funcionamento positivo do gozo, seria ainda suscetível de interpretação? Uma vez que ele não é um enigma e sim uma resposta, certamente, não se pode proceder por meio da interpretação do tipo que pretende extrair a verdade. Ainda que toda verdade seja mentirosa, o uso clássico da interpretação - que produz a vacilação dos semblantes e a desidentificação - não se aplica ao sinthoma. O término de uma análise, segundo o último ensino de Lacan, coincide, ao contrário, com a identificação ao sinthoma.

É possível interpretar a língua? Afinal, se ela não se endereça ao Outro, a rigor, não é um

enigma proposto ao sujeito suposto saber na transferência, logo, não é interpretável. A interpretação, nessa nova perspectiva, deveria ser capaz de colocar um limite ao monólogo autista do gozo. Para operar como limite, não se pode relançar o enigma e infinitizar a busca de sentido. A interpretação, que conviria nesse caso, reintroduziria o real da inexistência da relação sexual, como limite ao gozo autista. No lugar da repetição do monólogo autista (S1), o analista precisa acrescentar a interpretação contingente (S2) que faz surgir o sentido novo com função de limite. No dispositivo analítico e sob transferência, existe uma chance de que essa lalíngua se articule aos significantes oferecidos pelo analista para interpretá-la, encadeá-la, colocá-la em discurso. O triunfo terapêutico da psicanálise, como vem ensinando Miller, resulta dessa reintrodução do real por meio da interpretação analítica, reconduzindo o falante à estrutura significativa. A tensão entre pulsão e linguagem poderia, então, ser retraduzida no último ensino de Lacan em outros termos. O obstáculo ao término de uma análise não resulta da oposição entre a energia e a representação. A questão não é a de que existe sempre mais quantidade pulsional do que capacidade do significante em representá-la. O problema resulta da tensão interna ao dispositivo analítico entre o mais real no sinthoma – que, graças à debilidade do aparelho psíquico, sempre se apresenta fora-do-sentido - e a magia da interpretação que permite reduzi-lo e submetê-lo ao sentido. Em psicanálise, tudo depende do analista saber fazer com o real. Vejamos como podemos nos servir dessas referências para relatar um caso clínico⁴.

A cor da fúria é vermelha...

Vamos chamá-lo de Harold. Ele parecia com aquele garoto fantasma do filme “Ensina-me a viver”, que se ocupava de simular sua própria morte. Isso foi há muito tempo atrás, quando me procurou pela primeira vez, aos 24 anos depois do desencadeamento de um violento acesso de fúria e ciúmes provocado pela namorada que o deixou. Ela não tinha o direito de fazer isso. Ele até poderia deixá-la, se quisesse, mas o contrário era inadmissível. O desfecho de um tal do acesso de violência, em local público, foi uma internação. Foi internado por causa de uma doença inexplicável que sobrevém esse episódio e, em seguida, cai em depressão.

Ele já tinha começado a fazer pequenos cortes em seu corpo, em geral quando os pais recomeçavam a rotineira carnificina, física e verbal, em que se transformava qualquer desentendimento cotidiano. No passado, quando ele ainda era pequeno, segundo sua mãe lhe contou, o pai foi internado

⁴ Advirto o leitor que não se trata do relato verídico e sim verossímil de um caso de auto-mutilação. Os elementos reunidos aqui foram extraídos do relato de diferentes analisandos.

e diagnosticado como psicótico depois de uma briga em que acabara dando um tiro nela. Livrou-se de um processo graças à alegação de doença mental. Só muitos anos depois soube da verdade. Fora ela quem atirara nele, com receio de ser atacada. Observe-se o grau extremo de passionalidade, às raias da loucura, que reinava sobre o mal-entendido entre os sexos do casal parental.

Muitas vezes não conseguia concentrar-se nos estudos, ficava angustiado e depois caía em depressão. Para aliviar esses penosos estados emocionais, ele se cortava e depois **observava**, mais tranquilo, o sangue escorrer. **Observe-se/Note-se** que a sangria o esvaziava de alguma coisa da qual estava demasiadamente cheio. Veremos, em seguida, de que estava ele estufado. Então, depois desse ato, conseguia estudar um pouco. Mas, como a pilha de artigos que ele não conseguia ler continuava crescendo, sempre mais rápido do que sua capacidade de lê-los todos, recaía em depressão. Ficava dias sobre uma cama, sem tomar banho e sem sair à rua. A uma pergunta minha, bem banal, e da qual não me lembro mais, respondeu um dia: *minha mãe me mandava raspar o prato!* Como era incapaz de raspar a pilha de textos, paralisado ele não lia nenhum. Faço semblante de mãe e inverto o imperativo. Disse-lhe: - *Deixe um resto, não raspe o prato.* Na ocasião, isso funcionou.

Seu universo fantasmático permanecia mórbido. Sonhava com cadáveres, caixões, cemitério, enterro e devaneava sobre os mesmo temas quando estava acordado. Ele tinha uma certa capacidade de traduzir tudo isso numa linguagem quase literária e, podia até, de vez em quando, rir de si mesmo. Odiava o pai e estava convencido de que ele era louco e que tentava prejudicá-lo de qualquer jeito. Somente depois de seis anos de análise, um acontecimento corriqueiro me permitiu uma modesta intervenção que subverteu esta sua convicção alicerçada num poderoso insulto: “louco”. Foi no dia da sua formatura. Ele pediu o carro do pai emprestado para conduzir alguns amigos que não tinham carro até o local do evento. O pai negou-se a emprestar-lhe o carro e mais uma violenta disputa desencadeou-se. Harold me relata esse episódio transtornado. Era mais uma prova irrefutável do caráter intratável de seu pai. Então, eu lhe fiz a seguinte pergunta idiota: - *E como é que seu pai iria à sua formatura, se te emprestasse o carro?* Ao que ele respondeu sem titubear: - *De taxi, ora!*

Faço semblante de idiota e, lentamente, num tom de quem tenta aprender uma idéia difícil e inédita, eu lhe disse o seguinte: - *você acha mesmo.... que ele deve emprestar o próprio carro e tomar um táxi?*

A duras penas aceitou que não podia exigir uma coisa dessa de ninguém, nem mesmo de um louco. A esse episódio seguiu-se um intervalo de lucidez. Concluiu que sua mãe jamais consentiu

que seu pai interviesse em sua vida. Ela o pintava como um louco esquizofrênico e violento. Desacreditado e privado de qualquer direito legítimo ao filho, tornou-se um morto-vivo, um cadáver insepulto no meio da sala. Como nos filmes de terror, às vezes, a múmia se levanta para aterrorizar os vivos. A sombra desse objeto odioso, entretanto, caiu sobre ele próprio, o filho também morto/vivo. Sobre a conexão entre seus fantasmas mórbidos e a condição de morto-vivo de seu pai, eu lhe digo num tom oracular: - *Tal pai, tal filho!*

Com a queda dessa identificação, seus sintomas se esvaziam, seu relacionamento com seu pai se normaliza, ele se casa com essa namorada com todo o apoio da família.

Voltou a me procurar muito tempo depois. Parecia às voltas com um imenso ritual de destruição, um *potlach*. Está hiper-vivo, botando pr'a quebrar. Sua analista, como um *software* anacrônico, precisava urgentemente de um *quick-up-date*. Ele ainda se parecia com aquele rapaz escrupuloso e de boas maneiras, mas, bastante grisalho para sua pouca idade. Os cadáveres não o encantam mais. Quer me fazer compreender, com uma urgência vertiginosa, que está vivendo, como Michel Leiris em *L'âge d'homme*, o seu apogeu como macho. Tornou-se um consumidor de sexo virtual: da pornografia, das práticas de exibição recíproca com *web-can*, das ligações perigosas com correspondentes anônimas, dos *blind dates* e de outros prazeres exóticos. É preciso que eu lhe diga, e depressa, se trata-se de loucura ou de perversão. Muito assustado, relata que está ficando completamente impotente.

Acabara de deixar sua mulher e alugou um pequeno apartamento onde se encontra com uma quase desconhecida para viver uma tórrida aventura sexual, que pode recuperar sua virilidade ameaçada. Essa mulher, que é casada e não tem filhos, ele a resume enfaticamente: *M. é conhecimentol*. Interpreto, aludindo ao filme *Harold e Maud*: - *Ela lhe ensina a viver*.

Sente-se tomado por uma sede insaciável de aventuras. Está sempre pronto para iniciar uma nova ligação com qualquer mulher que lhe pareça disponível. Sempre volta, entretanto, a procurar a ex-mulher, que não desistiu dele a despeito da escrupulosa sinceridade com que ele lhe revela os detalhes de sua intimidade com outras mulheres. Não quer abrir mão dela, mas não sabe se ainda vai querer voltar a viver com ela. Atribui o desencadeamento de seu bizarro comportamento sexual aos problemas de saúde - que ela apresentou pouco tempo depois de casados - e que fizeram dela uma dona de casa chata e uma mulher muito pouco sensual. Considera, entretanto, que a admira muito. Inteligente, bem encaminhada profissionalmente, muito bonita e que tornou-se, até mesmo, mais sensual depois da

separação. Em suas próprias palavras: - *Ela diz que eu sou um esquizofrênico. Eu preciso que você responda logo: sim ou não. Ela quer ter um filho, pois está chegando ao limite de idade.*

Minha resposta, irônica, passa ao lado da pergunta: - *Então essa mulher inteligente, que sabe que você é um esquizofrênico, quer ter um filho seu mesmo assim?*

Nesse ínterim, o marido de Maud foi informado por um *hacker de internet* - que havia copiado todos os seus emails e todos os arquivos pornográficos que ele guardava em seu computador – do caso que vinha mantendo com ela. Esse hacker é o detalhe mais novelesco dessa história, copia e divulga correspondências e arquivos de homens como Harold, que destroem casamentos e semeiam a infelicidade das famílias. O marido de Maud telefona seguidamente para o celular deste analisando, faz ameaças para despertar nele algum sentimento de vergonha. Mas ele não pode deixá-la, nem lhe prometer casamento. Ele quer que ela deixe o marido, mas, não quer que ela venha morar com ele. Essa configuração passional explosiva não tarda a produzir um novo desencadeamento. Logo recebo um chamado de sua mãe em meu celular. Ela me informa que ele se cortou mais do que de costume e precisou ser suturado numa emergência. Eu tinha concordado que ele reduzisse suas sessões para uma vez por semana. Isso posto, lhe telefono fazendo semblante de bruxa. Digo: - *Sua mãe me ligou e já recebi o seu recado. Te espero amanhã.* Tornei a recebê-lo no mesmo horário que, previamente, eu tinha concordado em desmarcar.

... é vermelha como sangue

Sobre o motivo para ter se cortado tão profundamente, trouxe um longo relato. Primeiro foram os ciúmes. Maud estava com sua família num almoço e ele pensou que ela parecia muito feliz com seu marido. Toma esse comportamento como uma prova de amor pelo outro. Deixou uma mensagem grosseira na caixa postal do celular dela e convidou a ex-mulher para encontrar-se com ele: - *Vamos aprontar?* Ele lhe disse. Foram a um barzinho. Dançaram, beberam, namoraram até que ela lhe contou que seu irmão lhe desejou que aproveitasse a *night* e beijasse bastante. Ele fica enfurecido. Torna-se violento. Bate nela. Sai para a rua e, bêbado, vai para casa dormir. Acorda duas horas depois, volta a procurá-la e mais uma violenta discussão foi desencadeada. Ele vai até a cozinha, pega uma faca maior que as de costume e começa a se cortar e faz um rasgo bem grande no antebraço. Em seguida, sai novamente e não volta mais. Lúcido, ele me explica que sente uma fúria, como sua mãe. Ela lhe teria dito certa vez: - *A cor da fúria é vermelha. Eu enxergo tudo vermelho quando estou furiosa.*

Esse pedaço de discurso esclarece de que ele se enche e precisa ser esvaziado pelo corte que deixa o sangue vermelho como a fúria escorrer. Esse fragmento de sua análise foi essencial para que eu pudesse, finalmente, encadear o gesto de cortar-se ao campo do significante. Como uma secretária do alienado, observei o seguinte: *Não é qualquer coisa que te deixa louco, exaltado, fora de si. Sua primeira crise aconteceu quando foi deixado pela sua namorada aos 24 anos.*

Ele confessa que, como sua mãe, ele não admite ser deixado. Ela é terrivelmente ciumenta. Louco de ciúmes, quando ele se corta, ao ver o sangue escorrer, recupera a lucidez. As marcas dos cortes no corpo lhe fazem bem, enquanto duram. Mas, elas não duram para sempre, por isso é preciso recomeçar. O laço entre o sintoma (cortar-se), a língua materna (fúria) e o mal entendido entre os sexos, pode, nesse momento, ser articulado. Lembro-lhe então o seguinte: - *Há muito tempo atrás você me disse: a mulher dá o sexo para obter o amor e o homem dá o amor para obter o sexo.*

Ele me responde que não se lembra de ter dito isso, mas, reconhece a frase como algo muito familiar. Esse ditado é muito semelhante ao tipo de conselho que recebeu do pai e de outros homens mais velhos. Lalíngua é feita disso, de cacos de discurso. Para ouvir a conexão entre um ditado e um sintoma, que é da ordem de um *Witz*, é preciso ser da paróquia. É preciso poder rir do impossível em jogo no mal-entendido entre os sexos. Podemos deduzir que, como sua mulher se mostrou uma enfermeirinha dos pais e do irmão, sonha que Maud seja uma mulher que deseja só sexo, como um homem. A fúria de sua mãe diante do mal-entendido na relação entre os sexos indica precisamente que o aspecto nuclear de lalíngua é o traumatismo pois, parafraseando Lacan, é preciso reconhecer que a cólera é o afeto do real, Ela surge sempre quando as cavilhas não entram nos furinhos. Maiúsculo mesmo?

Lalíngua, sintoma e sinthome

De volta ao curso de Miller deste ano, *Choses de Finesse*, acrescento seu argumento de que tanto o singular quanto o universal não comportam nenhuma exceção. O singular é incomparável, não é o caso exemplar, mas, justamente por essa razão, pode vir a ser um ser um paradigma. Um paradigma é o caso excepcional que, depois que é apreendido em sua singularidade, serve de medida para aferir outros casos que serão considerados à luz do caso inaugural. A orientação em direção ao singular visa, em cada um, ao gozo próprio do sintoma, na medida em que ele exclui o sentido. Não se trata apenas de decifrar um saber suposto ao sintoma, mas, de esclarecer que a natureza do inconsciente é a defesa.

Embora, lá onde isso fala, isso goza, a orientação para o sintoma acentua que isso goza, lá onde isso não fala e não faz sentido.

Como intervém o psicanalista sobre o sintoma? O lugar do analista no último ensino de Lacan não é apenas o do objeto *a*. O analista é, ele próprio, um sintoma.⁵ Ele se sustenta do não sentido, ele não se explica, ele faz semblante de traumatismo, e seu lugar se aproxima do Nome do Pai. Mãe, oráculo, bruxa, secretária do alienado são todos semblantes do Nome do Pai, que encarnei para reintroduzir o não-sentido em seu monólogo autista. Sobre isso, há uma indicação de Lacan que pode ser uma resposta mais satisfatória: “O sem-diálogo encontra seu limite na interpretação, por onde se assegura o real.” Nessa perspectiva, a interpretação é um limite ao monólogo autista do gozo. Mas, a interpretação que opera como limite não pode relançar o enigma e infinitizar a busca de sentido. A interpretação que convém reintroduz o real da inexistência da relação sexual, como limite ao gozo autista. No lugar da repetição do monólogo autista, trata-se de acrescentar a interpretação contingente que faz surgir o sentido novo.

Referências

COELHO DOS SANTOS, T. *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

_____. O psicanalista é um sintoma. In: *Latusa número 11*. Local: Editora Contracapa, 2007, p. 57-72.

FREUD, S. (1905) *Os chistes e suas relações com o inconsciente* ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. VIII.

MILLER, J. A. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan, Campo freudiano do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds., 2000.

_____. Le monologue de l'apparole. In: *La Cause Freudienne*, número 34. Local: Diffusion Navarin, 1996. p. 7-18 (traduções da autora).

_____. In: STRÉLISKI, P.; JOLIBOIS, M. *Le conciliabule d'Angers*. Agalma: Seuil, 1997.

_____. Choses de finesse, Curso de orientação lacaniana, ano 2008/2009, aula n. 6 de 17 dez. 2008. (inédito).

⁵ COELHO DOS SANTOS, T. O psicanalista é um sintoma. In: *Latusa número 11*. S.Paulo, Editora Contracapa, 2007. p. 57-72.

LACAN, J. (1957/58) O Seminário Livro V. *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

_____. (1968/69) Le Seminaire Livre XVI. *D'um Autre à l'autre*. Paris: Seuil, 2006. p. 29-43.

_____. (1972/73) Le Seminaire Livre XX, *Encore...* Paris: Seuil, 1984.